



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**CAMPOS DOS MALÊS**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**ZINHA NANQUE**

**LÍNGUA E A RESISTÊNCIA: PAPEL DO CRIOULO NA LUTA DE LIBERTAÇÃO  
NACIONAL DA GUINÉ-BISSAU (1960-1973)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**ZINHA NANQUE**

**LÍNGUA E A RESISTÊNCIA: PAPEL DO CRIOULO NA LUTA DE LIBERTAÇÃO  
NACIONAL DA GUINÉ-BISSAU (1960 A 1973)**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC),  
apresentado à Instituto de Humanidades e Letras da  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção  
do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do  
Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**ZINHA NANQUE**

**LÍNGUA E A RESISTÊNCIA: PAPEL DO CRIOULO NA LUTA DE LIBERTAÇÃO  
NACIONAL DA GUINÉ-BISSAU (1960 A 1973)**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado à Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

São Francisco do Conde- BA, 30 de outubro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. PERGUNTA DE PARTIDA .....	7
3. JUSTIFICATIVA .....	7
4. OBJETIVOS.....	8
4.1 GERAL.....	8
4.2 ESPECÍFICOS .....	8
5. HIPÓTESES.....	8
6.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/REVISÃO DA LITERATURA .....	9
6.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE ORIGEM DO CRIOULO DA GUINÉ- BISSAU .....	9
6.2. ESTADO ÉTNICO DO PAÍS .....	10
6.3 FORTALECIMENTO DO SISTEMA COLONIAL COMO CAUSAS PRÓXIMAS DA LUTA .....	12
6.4 CRIOULO GUINEENSE COMO UM DOS FATORES DA UNIDADE E LUTA.....	13
6.5 PAPEL DA MÚSICA E POESIA .....	15
7. METODOLOGIA.....	16
8. CRONOGRAMA .....	18
REFERÊNCIAS .....	19

## 1. INTRODUÇÃO

A língua nacional teve um papel fundamental nas lutas anticoloniais dos países africanos que tiveram que pegar em armas para pôr fim ao colonialismo, nomeadamente as colônias portuguesas da África e em específico a Guiné-Bissau, foco de interesse desse projeto de pesquisa.

As resistências armadas destas colônias visavam uma ideia futura de construção de nacionalidades. Nesta ótica, era necessário evitar a escolha da língua de um dado grupo étnico para todo o país, não que as línguas étnicas não tiveram importância e peso nesse processo, mas a escolha de uma poderia gerar conflitos internos, por isso, a língua comum era necessária e indispensável para o alcance da independência e consolidação destas nações. Em virtude desse argumento, a linguista Inês Signorini (2012) afirma que, a coesão da comunidade vai se juntar principalmente em torno de um idioma comum e, no caso de nações multiétnicas e plurilíngues, a língua nacional pode ou não coincidir com a “língua materna” de umas das etnias.

Por conseguinte, o crioulo,<sup>1</sup> na Guiné-Bissau, é o idioma que vai afirmar como a língua de identidade cultural e nacional, cuja a pertença não cabe a nenhuma etnia em particular. Segundo o Padre Italiano Luigi Scantamburlo (Galisson 1991 *apud* 2013, p. 40): “A língua é o meio de comunicação e de expressão da vida de cada dia, quer dizer da cultura da comunidade. Por isso ela cria e adapta-se às várias realidades sociais, sendo veículo, produto e produtor de todas as culturas.

O Crioulo é uma língua de mescla, isto é, a sua existência dependeu das outras línguas já existentes e de realidades distintas, línguas africanas e europeu. Na visão do Couto & Embalo (2010), o crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa. E tal como as outras línguas, o crioulo tem a sua própria história particular de surgimento e desenvolvimento. Neste caso, os processos de expansão marítima à procura de novos mercados e com a chegada dos europeus, especificamente os portugueses ao território que hoje é a Guiné-Bissau, tiveram um impacto na formação desta língua.

Nessa navegação, de acordo com a literata brasileira Moema Parente Augel (2007), Nuno Tristão ao serviço da coroa portuguesa, teria entrado na costa dos rios da Guiné no ano de 1446,

---

<sup>1</sup> A palavra crioulo, segundo José Agosto Barbosa (BARBOSA 2015, p. 5 *Apud*. Tarallo e Alkmin, 1987), começou a ser utilizado a partir do século XVI e pode ter origem de duas palavras do português: criado ou criadouro.

sendo assim o primeiro marco da presença portuguesa na Guiné que viria a transformar uma de suas possessões na África ocidental.

Naquela época, o território que formou a atual superfície da república da Guiné-Bissau, fazia parte de confederações de regiões que formavam a vasta extensão da região chamada Senegâmbia. Esta região situava-se num ponto de duas frentes históricas da África do Oeste, o Saara e o Sudão e era um ponto de encontro de várias populações que comerciavam entre si (BARRY, 1990).

Como descreve Mário Beija Santos & Fernando Henrique da Silva, a razão de aglomeração de povos nesta região de África, seria:

As paulatinas alterações climáticas registadas, sobretudo no 3º milénio antes de Cristo, terão transformado o Saará, que era uma região relativamente fértil, num deserto árido e terão provocado a deslocação de populações do interior para a costa ocidental de África, designadamente para o território que mais tarde haveria de ser designado por Senegâmbia (SANTOS & da Silva, 2014, P. 21)

Esta nova era no século XV, marcou um período de encontro de indivíduos de diferentes realidades e línguas (de continentes diferentes) que faziam trocas comerciais. Este ambiente vai propiciar o surgimento do crioulo.

Entretanto, esses encontros não foram harmoniosos. A desigualdade de forças e a brutalidade colonial tiveram peso determinante nesse processo. O crioulo vai germinar, portanto, numa situação indesejável de ocupação estrangeira. Pejorativamente vai ser visto, posteriormente, na visão do colonizador, como uma língua dos não assimilados, isto é, para ser considerado decente na visão do colonizador, o africano guineense teria que renunciar às suas pertencas culturais africanas em detrimento da cultura e língua portuguesa.

Apesar de ter uma base lexical portuguesa, o crioulo é, por conseguinte, uma língua africana de cultura Guineense. Segundo Odete Costa Semedo (2011, p. 74, apud AUGEL, 1997, p.6):

O crioulo é antes de mais nada uma Síntese cultural elaborada numa situação de opressão, tal como assimilado é a síntese social da sociedade colonial. Impõe-se assim a reconversão social do próprio crioulo, veículo cultural dos oprimidos, em língua nacional, integrada e enriquecida pelos valores culturais autóctones positivos e pelos conceitos científicos, filosóficos e técnicos estrangeiros.

Diante disso, situada na costa ocidental da África, a Guiné-Bissau faz fronteira ao sul e leste com Estado da Guiné-Conacri, ao Norte com o Senegal e é banhada a oeste pelo Oceano

Atlântico. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE, 2017), sua superfície total é de 36.125 km<sup>2</sup>, dentro da qual podemos só contar com apenas 27.700 km<sup>2</sup> por causa da baixa altitude do país com relação ao nível médio das águas do mar.

Por conseguinte, superfície desse território, segundo Costa Semedo, foi resultado do tratado luso-francês de 1886, feita depois da partilha do Continente africano na conferência de Berlim (1884-1885). Em princípio, essa atitude mostra em clara evidência o egocentrismo do homem branco ocidental em ver o homem africano como aquele que possui humanidade inferior e delimitou, de uma forma artificial e de dentro para fora, os territórios africanos sem nenhum respeito as autoridades e realidades étnicas e políticas africanas. Algumas culturas e povos foram separados por esse processo.

Perante uma situação massacrante, de desumanização e tentativas de subalternização total, os povos não se encontravam em conformidade, pois, nenhum povo conseguiria manter passividade diante do desrespeito as suas realidades. Nesse sentido, havia revoltas populares (étnicas), em resposta as opressões que muitas das vezes eram dispersas por falta da unidade entre as massas étnicas que compõem o território. Entretanto, a guerra de libertação constituirá uma revolta decisiva e maior em que todas as etnias irão se participar. Dessa forma, segundo Costa Semedo (2011, p.72), Amílcar Cabral, líder do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde), compreendendo as características do crioulo, adotou-o como língua de unidade nacional.

Portanto, o presente projeto de pesquisa propõe uma investigação *do papel e o impacto da língua crioula na construção de formas de resistência e mobilização por unidade dos povos frente ao jugo da dominação colonial portuguesa na Guiné-Bissau*. Procuraremos abordar o papel do crioulo no sentido do seu uso político, enquanto um mecanismo de coesão social e de denúncia do advento de uma guiné livre da opressão colonial. Análise do crioulo no fortalecimento da unidade, sua utilização na literatura, isto é, composição da poesia e músicas anticoloniais durante o período da luta armada, focando seus aspectos de resistência simbólica entre 1960 e 1973.

## 2. PERGUNTA DE PARTIDA

✓ Partindo de uma sociedade guineense pluriétnica e multilíngue, de que forma o crioulo pode ser considerado como uma ferramenta de especial contribuição na resistência e luta armada contra a imposição colonial portuguesa?

## 3. JUSTIFICATIVA

A ideia de trabalhar o tema presente, nasceu num das aulas da disciplina: História das Américas, colonização e resistência. Onde vimos, na conquista espanhola da Mesoamérica, a importância da língua na resistência simbólica das populações autóctones. Visto que, este tema não possui um estudo aprofundado, por isso constitui uma das minhas razões a escolher este tema para o meu trabalho de conclusão de curso.

O crioulo guineense desempenhou um importantíssimo papel na transformação sociocultural da Guiné-Bissau. Serve, dessa forma, de elo de comunicação inter étnico, um dos mecanismos de fortalecimento da nação guineense em construção. Porém, mesmo sendo a língua falada em todo o território nacional, o crioulo não possui um estatuto oficial, mas sim, continua exercendo o papel de unidade. De acordo com Johannes Augel:

(...) a guerra de libertação (1961 -1973) foi um passo decisivo para o crioulo tomar-se a Língua de comunicação comum no país, desde então muitos fatores mudaram. O rádio emite grande parte dos seus programas em crioulo e é ouvido no país inteiro. Também a televisão, apesar da sua dependência da cooperação portuguesa e das diárias telenovelas brasileiras, veicula cada vez mais essa Língua do povo (AUGEL. P. 251-252).

Todavia, com relação ao português, o crioulo é, na visão de muitas pessoas, como o que possui a menor relevância devido a falta da descolonização psicológica e pelo próprio estatuto oficial que o português possui. Visto que, vários países do mundo possuem mais de uma língua oficial, o que não é surpreendente, o crioulo, juntamente com o português, poderia se formar duas línguas oficiais do Estado da Guiné-Bissau. Contanto que haja vontade política, com relação a este assunto, o crioulo pode ser codificada, isto é, ter a sua própria gramática e alcançar um estatuto oficial.

Portanto, sendo guineense, vi tantas vezes a banalização do crioulo em detrimento do português, e por ser a prova viva deste tipo de situação, senti a obrigação de desenvolver este trabalho, pesquisar e discutir a importância que o crioulo teve na afirmação da soberania da Guiné-Bissau. Neste sentido, a pesquisa irá contribuir na produção sobre a importância do

crioulo, na conscientização das populações sobre o seu valor e no sentido de instigar uma vontade política no que tange a sua oficialização.

Não obstante, o presente projeto visa também contribuir na produção de reflexões acadêmicas que compreendam o crioulo em sua dimensão de resistência ao colonialismo português em África. E por outro lado, o crioulo sendo um dos instrumentos da integração na Unilab, em virtude disso, o presente trabalho irá se servir de mecanismo da divulgação do mesmo como língua de resistência e de grande influência na luta armada guineense. Um outro interesse pelo tema é devido o meu interesse pelo o curso de história.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1 GERAL**

- ✓ Compreender o impacto da resistência simbólica do crioulo na luta de libertação contra o sistema colonial português entre 1960-1973.

### **4.2 ESPECÍFICOS**

- ✓ Analisar o uso político do crioulo a partir das estratégias desenvolvidas por Amílcar Lopes Cabral junto do PAIGC no âmbito da luta;
- ✓ Averiguar músicas e poemas de resistência em crioulo, seu papel de incentivo e ânimo no decorrer da luta armada;

## **5. HIPÓTESES.**

Supomos que, por um lado, a língua crioula, considerada como a língua dos gentios pelos colonizadores, representou um oponente direto da língua portuguesa com a estabilização do sistema colonial na Guiné-Portuguesa, e por outro, era um idioma que progressivamente estava ganhando falantes e que poderia permitir uma maior revolta contra o sistema colonial. Assim, a imprensa colonial viu-se nela uma ameaça, dessa forma, a língua crioula encontrou certos obstáculos e baixaza. Neste caso, o português que era tido como a língua do “racional”, do “civilizado” nunca poderia perder o espaço em detrimento da língua dos “gentios”.

Não obstante, havia várias revoltas populares, mas a ocupação colonial permanecia. Neste sentido, podemos supor que, durante a guerra de libertação nacional, o crioulo executou um

importante papel político e social na unificação de resistências dos povos para a emancipação da República da Guiné-Bissau da administração colonial

## **6.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/REVISÃO DA LITERATURA**

### **6.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE ORIGEM DO CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU**

No que tange a origem do crioulo, existe várias opiniões sobre o seu surgimento. Mas tudo indica que o crioulo teria suas origens a partir da chegada e relações comercial com os europeu, nomeadamente a portuguesa à área da costa da Guiné ou rios da Guiné do Cabo-Verde. Desse jeito, Portugal exercia suas atividades comerciais nessa região.

Nesta altura, havia aventureiros, estes cujas as atividades comerciais não eram da conta da coroa portuguesa, os lançados,<sup>2</sup> que estabeleciam relacionamentos afetivos com algumas mulheres africanas, as Tangomãos e os seus assessores grumetes, assim constituíam três grupos sociais. Estes dois últimos formavam grupo linguístico diferentes com o primeiro. Os relacionamentos destes grupos sociais tiveram um peso importante na formação do crioulo. Posteriormente, Essa língua viria a ter como locais de sua maior difusão, as cidades de Bafatá, concretamente em Geba, Gabú, Bolama, Cacheu e Farim. Portanto, essa língua era inicialmente, uma língua das populações que se encontravam nos pequenos centros urbanizados como os citados a cima. (SCANTAMBURLO, 2013, p.).

E ainda sobre origem do crioulo, Jean Louis Rougé (1986), trouxe algumas hipóteses parciais acerca do assunto. Dentre as quais vamos falar de duas. Uma delas foi defendida por Naro, para esse autor, o crioulo Guineense, juntamente com o de casamance, não teria suas origens nos rios da guiné, mas sim em Portugal onde os negros e os brancos usavam a linguagem de reconhecimento, o pidgin. Segundo ele, antes dos finais do século XVI, o português não se encontrava difuso na África Ocidental, onde ninguém entendia o outro, e foi por isso que a ordem do Infante D. Henrique a captura dos africanos e levados para a formação de intérpretes em Portugal. Dessa forma, seria difícil o nascimento de um pidgin de base portuguesa nesta região de África. Para ele, seriam os lançados os agentes de transferência dessa linguagem de reconhecimento na África. Uma outra tese foi defendida por António Carreira que prega a ideia de que crioulo teria seu berço em Cabo-Verde, concretamente na ilha de Santiago e Fogo a

---

<sup>2</sup> Os Lançados são portugueses de nacionalidade que se lançavam ao mar de uma forma independente sem a orde da coroa portuguesa (BARBOSA 2015).

partir dos contatos linguísticos entre africanos escravizados trazidos da costa e dos brancos. Assim, o crioulo teria sido transferido para a Guiné pelos mulatos.

## 6.2. ESTADO ÉTNICO DO PAÍS

No que concerne à sociedade guineense é formada por vários grupos étnicos e muito plurilíngue e de diversas culturas. Cada grupo conta com a sua organização política e social. E, vivem de acordo com as suas crenças e costumes. Fazem parte de oito regiões que compõem a Guiné-Bissau: Tombali, Quinara, Bolama Bijagós, Biombo, Cacheu, Oio, Gabú e Bafatá.

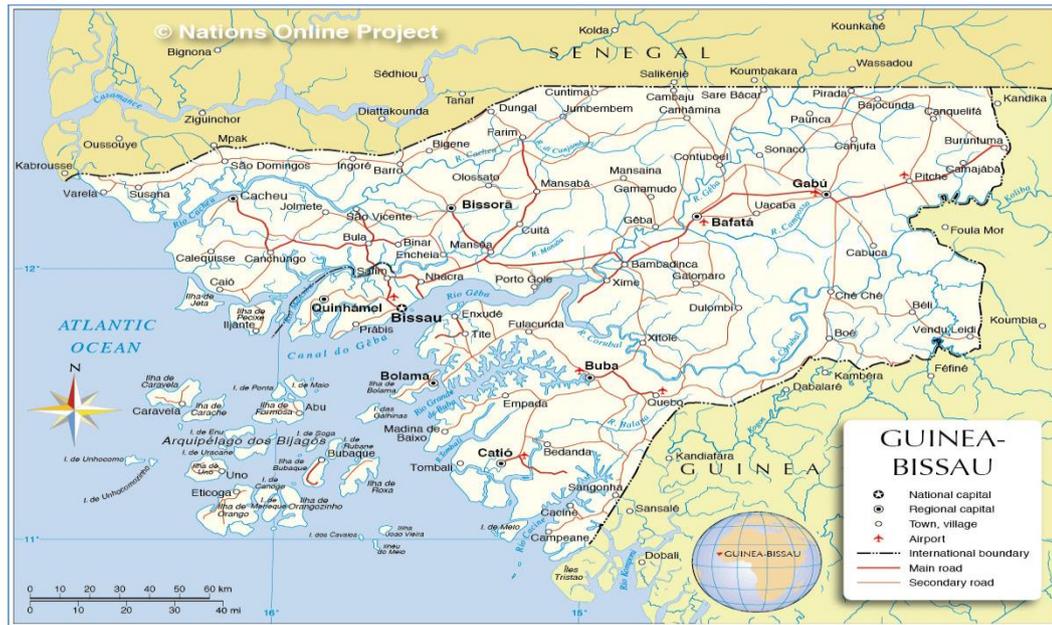
Por outro lado, algumas destas etnias pertencem à mesma família de línguas. Deste modo, as línguas, faladas na Guiné-Bissau, são cerca de três dezenas de subfamília Oeste-Atlântica e Mandé, pertencente à família Nígero-Congo e ligados aos grupos étnicos paleo-sudaneses do litoral (os mais antigos habitantes da Guiné-Bissau, onde se encontra os Balantas, Papeis, Mancanhas, Manjacos, Bijagós, Felupes...), paleo-sudaneses do interior, paleo-sudaneses do grupo mandinga e paleo-sudaneses do grupo fula. (SCANTAMBURLO, 2013).

Outrora, os relacionamentos entre algumas destas etnias nem sempre foram harmoniosos. Segundo Carlos Ribeiro (1989), por volta do ano 1840, havia-se iniciado alguns conflitos Inter étnicas. Por exemplo, a ocupação dos Futa-Fulas ao reino do Gabú que causou um clima de desentendimentos internas entre as pequenas autoridades mandingas da região. Ribeiro ainda explica que, esta situação de brigas internas, era favorável à consolidação de estruturas coloniais diante de jogos de tratados com os reis de diferentes etnias. Tratados esses que se estabelece, principalmente, entre sociedades ditas verticais<sup>3</sup> onde existe uma autoridade máxima que muitas as vezes torna favorável a coroa portuguesa de ter o domínio para o resto do grupo através de sua colaboração com essa autoridade superior (Rei). Estas são algumas das razões que contribuíram no sentido de as resistências Guineenses fossem dispersas.

No Mapa que se segue, estão apresentados as regiões e os sectores da Guiné-Bissau, sendo que cada etnia pertence especificamente a cada uma destas regiões ou sectores levando em conta as realidades das autoridades tradicionais.

---

<sup>3</sup> A sociedade Manjaco é um exemplo da sociedade vertical e sociedade Balanta é uma sociedade Horizontal. Nas sociedades verticais encontramos uma autoridade centrado no rei, enquanto que nas sociedades horizontais o poder não é centralizado por isso a incapacidade de os portugueses dominar facilmente os indivíduos destas sociedades (CABRAL 1973). Dessa forma, podemos dizer que na Guiné-Bissau as resistências foram dispersas e a libertação nacional ter-se demorado. Porque, enquanto uns lutam pela sua soberania outras ficam sob a influência portuguesa ou brigam entre si.



**FONTE:** <http://gabisworld.com/photo/countries/guinea-bissau/08/>

No entanto, é possível, atualmente, que numa determinada região ou setor, apresente-se uma interação social de etnias, porém, há sempre a predominância de uma. Tomemos o exemplo da região de Bafatá e sector de Safim. Em Bafatá existe a predominância da etnia fula, isto é, a terra dos fulas, mas há presença de outras etnias. E de modo semelhante, o sector de Safim engloba diferentes etnias, mas a maioria é da etnia papel sendo que o rei desse sector também é da etnia papel. Essa situação de misturas ganhou contornos à medida que surge a nova ordem social instigado pelo colonialismo.

Dentro destes conjuntos de etnias, há os que possuem mais aglomeração de populações e falantes. Tendo em conta o recenseamento de populações de 2009, os Fulas, Balantas, Mandingas, Manjacos, Papéis, Brames e os Biafadas constituem principais grupos étnicos da Guiné-Bissau (ESCANTAMBURLO, 2013). No entanto, a diversidade étnica, apesar ser uma riqueza, mas na época dos indícios da guerra de libertação parecia representar uma certa debilidade para uma resistência unida, tendo em conta o sentimento de pertença étnica.

Nesta senda, traremos a repercussão do crioulo no meio desta diversidade étnica durante a luta de libertação nacional.

### 6.3 FORTALECIMENTO DO SISTEMA COLONIAL COMO CAUSAS PRÓXIMAS DA LUTA

Os portugueses possuíam a superioridade em termos de armamentos, mas as populações não se deram por vencidos muito cedo. Lutavam em prol da defesa de suas culturas e preservações de suas soberanias e territórios até ao estabelecimento sólido da colonização.

A colonização de fato, a dominação do território, somente se estabeleceu em 1915, através das brutais campanhas de “pacificação”, como os portugueses as chamavam, implementadas pelo exército colonial português, que culminaram com o assassinato dos líderes de diferentes grupos étnicos que resistiam à colonização Pereira & Vitória (2012. p. 292).

Essa ação resultou no controle do território continental. Uma das cláusulas do acordo de conferência de Berlim era de “pôr em prática a ocupação efetiva”. Todavia, a soberania Portuguesa não tinha um amplo controle sobre os autóctones da Guiné. Assim, Portugal sentia-se insegura perante esta situação e com a real ameaça da sua rival, França. Deste modo, Santos e Da Silva frisa o seguinte:

Os levantamentos não pararam com a aprovação das fronteiras, entre outros, os Papéis e os Grumetes de Bissau mantiveram-se sempre em pé de guerra. Em 1907, o governo de Lisboa foi forçado a tomar medidas extraordinárias quando o régulo do Cuor se sublevou e pretendeu impedir o comércio no rio Geba e tentou atrair outros régulos para a insurreição. Com efeito, entre 1882-1936, têm lugar as chamadas Campanhas de pacificação. (SANTOS; SILVA, 2014, p. 31).

As ditas campanhas teriam sido começadas no século XIX e teriam sido retomadas nas primeiras décadas do século XX. A partir de então, a tirania e a considerável imposição da cultura Portuguesa em oposição às realidades autóctones foi crescendo. A cultura portuguesa era tida como cultura, cuja a missão era a de civilizar as populações autóctones. Em virtude disso, o sociólogo Português, Boaventura Santos acentuou que:

O pensamento moderno Ocidental é um pensamento abissal<sup>2</sup>. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras... A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade de Co presença dos dois lados da linha. O universo «deste lado da linha» só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética, (SANTOS, 2007, p. 71).

Todavia, a intolerância do jugo português aumentou mais ainda, principalmente com a instituição do fascismo em Portugal, a partir dos governos ditatoriais do Salazar, a conversão da colónia da Guiné em uma província ultramarina e aplicação do estatuto do Indígenato com mais vigor. Assim, o crioulo, sendo uma língua africana sofreu a repressão. Por exemplo, “nas

escolas, nos escritórios e nas igrejas o Crioulo Guineense é proibido, mas sobrevive na vida privada dos numerosos habitantes das "praças", na maioria analfabetos" (SCANTAMBURLO, 2013, p. 51). E a propósito do papel que a escola exercia no período colonial, Daniel Júlio Lopes Soares Cassama afirma que:

A escola, sem dúvida foi um dos principais, senão, o principal veículo do Governo português, para a consolidação do seu poder nas colônias, preparando os indivíduos com a formação religiosa, política, moral e social, baseada nos padrões nacionais, com o intuito de reforçar o poder da metrópole nos territórios colonizados (CASSAMA, 2014, p. 26).

Assim, a forte continuidade destes ultrajes, permitiu, depois, a fundação do PAIGC e as sensibilizações para a luta armada, unida, para a expulsão dos invasores colonialistas. Luta essa que ocorreu entre 1963 a 1973, resultado de fracasso negocial de uma independência pacífica:

A tática que visava a obtenção da independência por vias pacíficas não trouxera os frutos desejados. Entre 1956 e 1963, o partido tentou várias vezes uma saída negociada do colonialismo. Cabral sublinhou que o PAIGC foi obrigado a optar pela violência, pois, se tivesse o governo de Salazar optado por uma negociação pacífica, a guerra dificilmente teria sido uma realidade. (CORDEIRO et al, 2017, p. 95).

Portugal interessava em continuar com sua política de dominação e de exploração. Dessa forma, seria difícil o não desencadear da luta, sendo que os povos já estavam cansados da opressão cultural e do fardo pesado que tinham carregados, e como salienta o Cabral, “não é com as palavras feias que iremos expulsar os tucas, mas com as mãos nas armas” (CABRAL, 1973, s/n). Portanto, diante da prepotência de Portugal, e com o acontecimento de 3 de agosto de 1959, conhecido como massacre de Pindjiquiti, deu-se início a luta de libertação a 23 de janeiro de 1963 com o objetivo de libertar a Guiné do colonialismo.

#### 6.4 CRIOULO GUINEENSE COMO UM DOS FATORES DA UNIDADE E LUTA

A luta armada da Guiné-Bissau demandava uma língua que seja comum, que funcionaria como uma espécie de ponte entre as etnias guineenses. Língua essa que ajudaria a suprir algumas lacunas e barreiras étnicas, uma vez que o colonialismo introduziu uma nova realidade que enclausurou várias realidades étnicas num só território.

De acordo com Couto e Embaló (2010, p. 229), “quaisquer seres que se veem juntos no mesmo espaço interagem. No caso de seres vivos humanos, a interação mais comum é a linguística. Só que para

que a comunicação linguística seja eficaz é necessário que haja uma linguagem comum”. Nesta mesma linha de pensamento, Inês Signorini também frisou que:

A unidade da comunidade vai se articular primordialmente em torno de uma língua nacional e, no caso de nações multiétnicas e plurilíngues, a língua nacional pode ou não corresponder a “língua materna” de umas das etnias (SIGNORINI, 2012 p. 91).

Não obstante, os colonizadores portugueses viam na diversidade étnica uma forma de gerar as contradições entre as populações autóctones da Guiné em prol da continuidade de seus legados de dominação e exploração econômica, uma vez que as etnias constituíam grupos linguístico-culturais diferentes. Todavia, o Cabral, como líder do movimento revolucionário, PAIGC, fez uma análise geral sobre a sociedade guineense no sentido de poder elaborar um plano eficaz para a luta e promover a unidade e o asseguramento das vitórias vindouras. No entanto, Amílcar chama atenção de como os portugueses podem apropriar das contradições que existiam no meio de grupos étnicos, como forma de enfraquecer a luta da independência:

Outras contradições hão, por exemplo na Guiné—há grupos étnicos, as chamadas tribos, que nós chamamos raças. Sabemos quantas contradições houve entre eles, em tempos passados, um passado por vezes não muito longe... E que os tugas<sup>4</sup> podem explorar e exploram para provocar conflitos entre a nossa gente. Estas são algumas das contradições que queríamos explicar aos camaradas... Tanto na Guiné como em Cabo Verde, o nosso objetivo foi eliminar as contradições da melhor maneira, levantar toda a gente para pegarmos num objectivo comum: correr com os colonialistas tugas (CABRAL, 1973, p. 16).

Na visão de Cabral, embora exista várias realidades culturais e étnicas, mas existe uma maior realidades (nacionalismo) em que as outras realidades estavam enclausuradas, isto é, a Guiné e a ocupação e exploração portuguesa, estes formariam uma realidade maior, por isso, teria que haver a unidade das unidades étnicas, ou seja, algo comum.

Por outro lado, Cabral, ciente das astúcias dos europeus, em geral, e dos colonialistas portugueses em particular, dividir para melhor dominar, chamou a atenção por uma unidade e luta. Com a unidade sólida, a força dos tugas seria incapaz de romper as barreiras e semear as sementes de discórdias no interior dos camaradas, só assim a luta poderia alcançar o seu apogeu.

Apesar de ser esse país pluriétnico, a luta armada da Guiné, teve muitos sucessos ao longo do seu desenvolvimento até a vitória dos combatentes e a proclamação unilateral da república. Nesta ótica, Cordeiro *et al*, salienta o seguinte:

---

<sup>4</sup> Tugas é a forma como eram chamados os portugueses na Guiné.

O regime Salazarista estava extremamente preocupado com os fracassos que o exército colonial português sofria no território da Guiné “portuguesa”. Em Lisboa decidiram substituir o governador geral. Em maio de 1968 foi designado para o cargo de governador geral e comandante chefe das forças armadas na Guiné o general António de Spínola (CORDEIRO, *et al*, 2017, p. 98).

De acordo com Embaló & Couto (2010), nesta época as línguas étnicas pareciam dividir o país e o português era a língua do colonizador, e por ser o *kriol a língua di ninguim*<sup>5</sup> e que os colonialistas não percebiam, Cabral preferia o seu uso.

Em alguns casos, como Moçambique, apesar de o português ser a língua dos colonialistas, vigorou no seio dos combatentes por falta de uma língua moçambicana que pertença a todas as etnias. Como salienta Filipe Castro Bastos (2018), a língua portuguesa, contudo, teria sido apropriada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) para servir aos propósitos de unir seus militantes e projetar, por meio dessa língua de unidade, a nascente consciência nacional.

Deste modo, o crioulo entraria, também, como um agente político na luta de libertação da Guiné-Bissau. Não obstante, talvez Cabral pensou o crioulo em duas dimensões, uma no plano nacional, referente a Guiné, e uma para o plano binacional que visava a unificação da Guiné e do Cabo-Verde. E se formos ver os itens necessário para a formação de uma nação encontraremos a questão da língua.

## 6.5 PAPEL DA MÚSICA E POESIA

No decorrer do processo da luta armada, as canções e poemas tiveram um papel muito importante para o incentivo das camaradas e tanto para as populações em geral. Segundo Costa Semedo (2011), nos finais dos anos 60 a início dos anos 70, havia canções e poemas feitas em crioulo como forma de protesto contra as barbaridades, opressões e a presença dos invasores sob o território da Guiné.

Neste sentido, podemos considerar estes escritores revolucionários à medida em que mostravam um espírito de nacionalismo e crítica perante o sistema colonial e fascista português como combatentes da liberdade da pátria, pegando ou não em armas físicas.

No seu artigo, a palavra como arma na luta pela independência da África portuguesa, Luana Soares de Souza mostra que:

---

<sup>5</sup> Kriol i ka língua di ninguim: crioulo nao é a língua de ninguém em particular

A literatura anticolonial possui não apenas uma afirmação política e ideológica, mas também uma construção estética e estrutural (...) assim sendo, o “valor” de uma obra é determinado pela sua construção estética. No entanto, toda construção estética carrega um “valor” político. A tendência política dos intelectuais desse momento histórico, nos países africanos de língua portuguesa, é explicitada a cada verso (SOUZA, 2017, p. 251-252).

Portanto, de uma forma geral, procuraremos abordar o contributo do crioulo no cumprimento do lema principal da luta armada: unidade e luta.

## 7. METODOLOGIA

Pretendemos desenvolver a nossa investigação através da pesquisa bibliográfica, análises de fontes primárias através da música e poesia e, por fim, o uso do método qualitativo, com o objetivo exploratório, através da entrevista complementar, que seria semiestrutural. De acordo com Valdete Boni & Silva Jurema Quaresma, esta entrevista harmoniza perguntas abertas quanto fechadas na qual o informante tem a possibilidade de falar sobre o tema com pesquisador numa conversa informal, onde o entrevistador teria que seguir a um conjunto de questões já definidas (BONI; QUARESMA, 2005, p.75). Neste caso, usaremos as perguntas abertas.

A pesquisa bibliográfica, segundo Lima & Miotto (2007), implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca de soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso não pode ser aleatória. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica visa o levantamento de materiais bibliográficos de importante conteúdo para o objeto em questão e representa o ponto inicial de qualquer pesquisa.

O método qualitativo irá ajudar-nos no processo da compreensão e o aprofundamento do objeto em questão. Em termos gerais a pesquisa qualitativa refere-se a:

Qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir a pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, emoções e sentimentos, e também a pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre as nações. Alguns dados podem ser quantificados, como no caso do censo ou informações históricas sobre pessoas ou objetos estudados, mas o grosso da análise e interpretativa (STRAUSS & CORBIN, 2008, p. 23).

A produção sobre o crioulo da Guiné-Bissau tem aumentado consideravelmente. Porém, ao contexto que iremos investigar, pensamos em efetuar uma entrevista com os seguintes camaradas: Francisca Pereira, Teodora Inácia Gomes, Manuel Saturnino da Costa e o Zé Lopes.

Estas personagens são militantes do PAIGC (partido Africano para a independência da Guiné e do Cabo-Verde).

A entrevista será feita para auxiliar no alcance dos nossos objetivos. Para tanto, a razão da escolha dos quatro camaradas, acima mencionados, seria porque eles são ex-combatentes da luta armada e eram conterrâneos e trabalhavam junto de Cabral.

Com a Teodora, Manuel Saturnino da Costa e Francisca, a entrevista teria o objetivo de contribuir na nossa análise do uso político do crioulo e assim compreender até que ponto o crioulo ajudou na questão da unidade. Com o Zé Lopes, a entrevista seria mais para a área da questão musical. Com ele vamos tentar compreender como a música foi fundamental na luta. No entanto, estas entrevistas serão feitas através das questões que iremos elaborar e enviar á Guiné-Bissau para o meu amigo, Thélman Vieira, sobrinho do Zé Lopes a cima citado, que irá se servir de intermediário.

No que diz respeito a averiguação da música, a nossa atenção irá se centrar no conteúdo da música, a mensagem que a mesma passa. Entretanto, a poesia e a música que iremos analisar, serão as que cuja as composições entre os anos de 1960 a 1973, portanto, músicas de resistência feita em crioulo.

Entretanto, para melhor o alcance do resultado da nossa investigação, a pesquisa irá se realizar em duas sequências:

- ✓ A nossa investigação irá se basear mais no contexto da unidade nacional (crioulo enquanto um dos mecanismos unificadores da resistência armada). Nesta etapa, vamos procurar e analisar a aplicabilidade política do crioulo a partir dos discursos de Cabral. Aqui iremos trabalhar com as entrevistas e os acervos da Casa Comum. Casa Comum é Site onde estão disponíveis numerosos documentos sobre o Cabral e a Guiné-Bissau e de outros camaradas da África portuguesa.
- ✓ Pesquisar e analisar a Poesia e Música de resistência (crioulo enquanto um fator de fortaleza de ânimo). Desse jeito, iremos trabalhar com as músicas do Zé Lopes e Aliu Barri, que ainda não temos sob a nossa posse, o livro da Moema Parente Augel *Ora di Kanta<sup>6</sup> Tchiga*, onde estão disponíveis letras de músicas e poesias de resistência do grupo Cobiana Djaz, dentro da qual iremos trabalhar o musico e compositor José

---

<sup>6</sup> *Ora de kanta tchiga* (Chegou a hora de cantar)

Carlos Schwarz com os seguintes temas: *Pó ca ta bida Lagarto*,<sup>7</sup> *Ke cu Minino na Tchora*,<sup>8</sup> *Lua ka Ta Kema*.<sup>9</sup>

## 8. CRONOGRAMA

	ANO I 2018-2019				ANO II 2019-2020				ANO III 2020-2021			
Atividade												
Modificação no projeto	X											
Levantamento bibliográfico e leitura		X	X	X								
Elaboração de roteiro: entrevistas			X									
Coletas de dados: entrevistas				X	X	X						
Transcrição das entrevistas					X	X	X	X				
Coleta das músicas e poesias						X	X	X				
Análise e processamento						X	X	X	X			
Redação									X	X	X	X
Revisão												X
Defesa												X

<sup>7</sup> Pó ca ta bida Lagarto (O pau não se transforma em Lagarto)

<sup>8</sup> Ke cu minino na tchora (Porquê que a criança chora)

<sup>9</sup>Lua ka ta kema (a lua não queima)

## REFERÊNCIAS

- AUGEL, Johannes. **O Crioulo da Guiné-Bissau**. *Afro Ásia*. v 19 n 20, p 251-254. 1997.
- AUGEL, Moema Parente. **Desafio do Escombro**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da guiné-bissau. Ed. Garamond Ltda, 2007.
- BARBOSA, Augusto José. **Língua e Desenvolvimento**: O Caso da Guiné-Bissau. 2015, 117f. Dissertação Mestrado. Universidade de Lisboa-Faculdade de Letras. Lisboa, 2015.
- BARRY, Boubacar. **A Senegâmbia do Século. XV ao séc. XX**: em defesa de uma história sub-regional da senegâmbia. Soronda, n. 9 pp. 3-21, 1990.
- BARBOSA, Augusto José. **Língua e Desenvolvimento**: O Caso da Guiné-Bissau. 2015, 117f. Dissertação Mestrado. Universidade de Lisboa-Faculdade de Letras. Lisboa, 2015.
- BASTOS, Felipe Barradas Correia Castro. **Política de língua e movimentos nacionalistas**: campos de interação histórica entre Tanzânia e Moçambique. 257f. Dissertação Mestrado. Campinas 2018.
- BONI valdete; QUARESMA jurema silva. **Aprenda a entrevistar**: como fazer entrevistas em ciencias sociais. Revista Eletronica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- CASSAMA, Soares Lopes Júlio Daniel. **Amílcar Cabral e a independência da guiné e cabo-verde**. 95f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de ciências e letras, campos de Araraquara-SP, 2014.
- CORDEIRO, Sousa Roberto, et al. **Resistências africanas ao domínio colonial português**: um olhar sobre colonialismo e nacionalismo na Guiné-Portuguesa. Cadernos de História UFPE - ISSN: 2594 - 3766, v. 9, n.9. 2012.
- COUTO, Hildo do. & EMBALÓ, Filomena. **Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau**. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2010.
- DISCURSO DE CABRAL. disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07074.133.017>  
Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau. Av. Amílcar Cabral, cp nº 06. **Guiné-Bissau em Números 2017**
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Katál. Florianópolis v. 10. n. esp. P. 37-45. 2007.
- MENDY, Peter Karibe. **Economia Colonial da Guiné-Bissau**: “Nacionalização” e Exploração, 1915 - 1959. *Revista Soronda*. v. n 09, p 23 - 51. jan. 1990.

PERREIRA, Amílcar Araújo; VITTORIA, Paolo. **A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau**: Amílcar Cabral e Paulo Freire. Revista Estudos Históricos, v. 25, n. 50, pp. 291-311, 2012.

RIBEIRO, Carlos. A historicidade da construção nacional da Guiné-Bissau. INEP, Guiné-Bissau. v. 8, n. 14, pp. 216- 242. Nov. 1981.

ROUGÉ, Louis Jean. **Uma Hipótese sobre a Formação do Crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa**. Soronda n. 02, p.28-49. 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 78, pp. 3-46. 2007.

SANTOS, M. Beja; DA SILVA, F. Henriques. **Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau**: um Roteiro. 1ª ed. Porto: Fronteira do Caos, 2014.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **Guiné-Bissau História, culturas, sociedade literatura**. Nandyala livros e serviços Ltda, Belo Horizonte- MG, 2011.

SIGNORINE, Inês. **Linguística da norma** in Língua e nação. 3 ed. Loyola jesuítas 2012.

SOUZA de Soares Luana. **A palavra como arma na luta pela independência**: Reflexões sobre a poesia anticolonial nos africanos de língua portuguesa. disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/cadsen.2017.26930>

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre. Artmed, 2008.